



## Educomunicação socioambiental e pandemia: o que você vê da janela da sua casa sobre o meio ambiente?

Marcela Cristiane Ribeiro Brito<sup>1</sup>

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

<https://orcid.org/0000-0002-2491-2106>

Ronaldo E. Feitoza Senra<sup>2</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFMT)

<https://orcid.org/0000-0003-0801-1970>

Thiago Cury Luiz<sup>3</sup>

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

<https://orcid.org/0000-0003-1196-8124>

**Resumo:** Este artigo é parte dos resultados da pesquisa de Mestrado intitulada “Educomunicação socioambiental – narrativas da periferia”, apresentada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso. Realizada em uma escola da periferia de Cuiabá-MT entre março de 2020 e setembro de 2021, a investigação contou com fomento do Edital 52/2020 PROPE/IFMT e está

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, mestra em Ensino, bacharel em Comunicação Social/Jornalismo e licenciada em Letras. Docente da Escola Estadual Manoel Cavalcanti. E-mail: [marcelacrbrito@gmail.com](mailto:marcelacrbrito@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor e mestre em Educação e pedagogo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen-IFMT), líder GEAC/IFMT. E-mail: [ronaldo.senra@svc.ifmt.edu.br](mailto:ronaldo.senra@svc.ifmt.edu.br).

<sup>3</sup> Doutor em Educação, mestre em Comunicação e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: [thiago.luiz@ufmt.br](mailto:thiago.luiz@ufmt.br).

inserida na Rede Internacional de Educação Ambiental e Justiça Climática (REAJA) e no Grupo de Estudos em Educação Ambiental e Educação Campesina (GEAC/IFMT). Com base na realidade das aulas pela internet durante a pandemia da covid-19, o objetivo deste trabalho é demonstrar a percepção de estudantes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença sobre o fenômeno da emergência climática e a sua relação com o meio ambiente, com base na produção de conteúdo midiático em foto e vídeo. A metodologia utilizada neste estudo está calcada no estudo de caso, cujo substrato é o desenvolvimento de processos formativos sobre produção comunicacional e as questões ambientais contemporâneas, e na intervenção nesta escola de periferia de Cuiabá-MT. Como resultado, observamos que o debate sobre o clima ocorreu na perspectiva das percepções dos estudantes sobre o que é meio ambiente e suas mudanças na realidade de cada participante. Concluímos que o cenário da pandemia impossibilitou a ampliação da partilha de saberes, se comparado ao modo presencial com rodas de conversas freireanas, por exemplo. Todavia, os encontros virtuais com os estudantes os motivaram a querer estender as conversas sobre o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Educomunicação. Emergência Climática.

## **Educomunicación socioambiental y pandemia: ¿qué ves desde la ventana de tu casa sobre el medio ambiente?**

**Resumen:** Este artículo forma parte de los resultados de la investigación de Maestría titulada “Educomunicación socioambiental – narrativas de la periferia”, presentada en el ámbito del Programa de Posgrado en Docencia del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología del Estado de Mato Grosso. Realizada en una escuela de la periferia de Cuiabá-MT entre marzo de 2020 y septiembre de 2021, la investigación fue apoyada por el Aviso Público 52/2020 PROPES/IFMT y forma parte de la Red Internacional de Educación Ambiental y Justicia Climática (REAJA) y del Grupo de Estudios en Educación Ambiental y Educación Campesina (GEAC/IFMT). A partir de la realidad de las clases por internet durante la pandemia del covid-19, el objetivo de este trabajo es demostrar la percepción de los alumnos de la Enseñanza Fundamental de la Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença, sobre el fenómeno de la emergencia climática y su relación con el medio ambiente sobre la producción de contenido multimedia de fotografía y vídeo. La metodología utilizada en este estudio se basa en el estudio de caso, cuyo sustrato es el desarrollo de procesos formativos sobre producción comunicacional y cuestiones ambientales contemporáneas, y en la intervención en esta escuela de la periferia de Cuiabá-MT. Como resultado, observamos que el debate sobre el clima se dio desde la perspectiva de las percepciones de los estudiantes sobre lo que es el medio ambiente y sus cambios en la realidad de cada participante. Concluimos que el escenario de la pandemia imposibilitó ampliar el intercambio de conocimientos, en comparación con la modalidad presencial con ruedas de conversación freireanas, por ejemplo. Sin embargo, las reuniones virtuales con los estudiantes los motivaron a querer ampliar las conversaciones sobre el medio ambiente.

**Palabras-clave:** Educación Ambiental. Educomunicación. Emergencia Climática.

## **Socio-environmental educommunication and pandemic: what do you see from your home window about the environment?**

**Abstract:** This article is part of the results of the Master's research entitled “Socio-environmental Educommunication – narratives from the periphery”, presented within the scope of the Postgraduate Program in Teaching of the Federal Institute of Education, Science and Technology of the State of Mato Grosso. Held in a school on the periphery of Cuiabá-MT between March 2020 and September 2021, the investigation was supported by Public Notice 52/2020 PROPES/IFMT and is part of the International Network for Environmental Education and Climate Justice (REAJA) and the Group of Studies in Environmental Education and Peasant Education (GEAC/IFMT). Based on the reality of internet classes during the covid-19 pandemic, the objective of this work is to demonstrate the perception of Elementary School students at Escola Estadual Manoel

Cavalcanti Proença, about the phenomenon of climate emergency and its relationship with the environment, based on the production of photo and video media content. The methodology used in this study is based on the case study, whose substrate is the development of formative processes on communicational production and contemporary environmental issues, and on the intervention in this school on the periphery of Cuiabá-MT. As a result, we observed that the climate debate took place from the perspective of students' perceptions of what the environment is and its changes in the reality of each participant. We concluded that the pandemic scenario made it impossible to expand the sharing of knowledge, compared to the face-to-face mode with Freirean conversation wheels, for example. However, the virtual meetings with the students motivated them to want to extend the conversations about the environment.

**Keywords:** Environmental Education. Educommunication. Climate Emergency.

## INTRODUÇÃO: RESISTINDO À PANDEMIA

Trabalhar com a temática ambiental sempre foi um desafio na realidade da educação formal, muitas são as reflexões e estudos sobre a atuação dos docentes na tratativa da Educação Ambiental, clima e justiça climática. Entre os apontamentos sobre questões ambientais estão o caráter multidisciplinar, mobilização de ações concretas através de projetos nas escolas e a potencialidade de envolver a comunidade escolar nas ações ambientais. Independente de atuação ou não das escolas, a realidade do ensino presencial nos possibilitava circular por ambientes e interagir com as pessoas, sem a preocupação de contaminação. Durante o ápice da pandemia de covid-19, momento no qual esta pesquisa transcorreu, isso não foi possível.

Pensando na transformação de hábitos à qual todos fomos submetidos e possibilidades alternativas de educar, um problema nos desafiou: como trabalhar a conjuntura da crise climática com crianças e adolescentes do Ensino Fundamental de uma instituição escolar da periferia de Cuiabá (MT) durante a pandemia do coronavírus?

O questionamento faz parte da realidade de educadoras e educadores nesta fase desafiadora da vida de todas as pessoas que encaram diariamente a luta pela sobrevivência e a não contaminação pelo vírus que assola toda população mundial. Até o momento<sup>4</sup>, foram registrados mais de 551 milhões de contaminações e 6,3 milhões de óbitos ao redor do planeta (WORLD HEALTH

---

<sup>4</sup> Os dados apresentados são de 8 de julho de 2022.

ORGANIZATION, 2022). Na mesma data, o Brasil anota mais de 32 milhões de infecções, com 673 mil mortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

Assim, com o impedimento das interações presenciais para que houvesse a manutenção das vidas sem que o vírus contaminasse crianças, adolescentes, professores e toda a comunidade escolar, as aulas passaram a ocorrer via internet, por aplicativos de conversação virtuais, com trocas de mensagens, vídeos e áudios.

Em Mato Grosso, as aulas nas escolas públicas estaduais aconteceram desta forma ou por meio de material apostilado entregue aos estudantes mensal ou bimestralmente, dependendo da instituição de ensino. Esta educação remota, assim como a pandemia, escancarou uma disparidade e desigualdade social sem precedentes na atualidade, não só no que tange ao atendimento a todos/as estudantes de forma equitativa, mas também no trabalho docente.

Neste prisma de realidades distintas desenvolveu-se a pesquisa no campo da educomunicação, em uma escola da periferia da capital de Mato Grosso, Cuiabá. Fizeram parte deste processo de observação e prática de estudantes da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença, localizada no início do bairro Tijucal, um dos mais populosos da região Sul da cidade. A escola atendeu, em 2020, nos períodos matutino (turmas do 7º ano ao 9º ano) e vespertino (turmas do 1º ao 6º ano) do Ensino Fundamental, quase 600 crianças e adolescentes que compuseram o quadro de matriculados nos dois períodos.

Segundo levantamento realizado pela equipe gestora da escola, os cinco primeiros meses de aulas online em 2020 (de agosto a dezembro) registraram que por volta de 60% dos matriculados na escola recorreram ao material apostilado (impresso pela unidade de ensino) para dar base aos estudos em casa. Estes estudantes se auto-organizaram para realizar as leituras e feitura dos exercícios propostos pelos professores, sem a supervisão que ocorria no modo presencial de ensino, antes da pandemia.

Outro dado apontado pelo levantamento e que merece destaque é que menos de 40% dos estudantes matriculados acompanharam as aulas pela internet em 2020. Esses números justificaram a baixa participação durante as

aulas virtuais e o aumento da demanda por apostilas para a continuidade dos estudos, uma vez que a internet não está presente em grande parte das casas, o acesso é limitado ou ausente, segundo relato dos pais ou responsáveis dos educandos.

Neste contexto, pautar a Educação Ambiental nos últimos anos foi algo desafiador e complexo, já que se por um lado o Brasil, enquanto nação, sempre possuiu uma legislação ambiental avançada e pautada nos acordos internacionais de cuidado do bem comum, por outro, após a eleição de Jair Bolsonaro, são notórios os graves crimes ambientais, aumentando seus índices em várias frentes: liberação de agrotóxicos, anistia à grilagem, apoio ao garimpo em terras indígenas, aumento de assassinatos no campo, ministro do meio ambiente “passando a boiada”<sup>5</sup>, recordes em desmatamentos e queimadas na Amazônia e Pantanal e violação de direitos das populações originárias.

Além disso, podemos citar dois documentos que expõem um governo negacionista do clima e das questões socioambientais: [i] o Dossiê da ASCAM (2020)<sup>6</sup>, que demonstra uma cronologia do desmonte nas políticas ambientais no atual governo; e [ii] o “Dossiê sobre o desmonte das Políticas Públicas de Educação Ambiental na gestão do Governo Federal: 2019-2022” (ROSA; SORRENTINO; RAYMUNDO; 2022).

Com isso, o objetivo geral desta pesquisa é demonstrar a percepção de estudantes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença, instituição que fica na periferia da cidade de Cuiabá-MT, sobre o fenômeno da emergência climática e a sua relação com o meio ambiente. E, para isto, recorreu-se à base epistemológica da educomunicação para a produção de conteúdo midiático em foto e vídeo, sendo que a metodologia adotada é o estudo de caso, por acreditar que cada realidade e cotidiano escolar se apresentam como um universo único deste recorte da pesquisa e que as

---

<sup>5</sup> Em reunião ministerial há um vídeo no qual o então Ministro do Meio Ambiente diz aproveitar a pandemia para “passar a boiada” nas leis ambientais.

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.ascemanacional.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Dossie\\_Meio-Ambiente\\_Governo-Bolsonaro\\_revisado\\_02-set-2020-1.pdf](http://www.ascemanacional.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Dossie_Meio-Ambiente_Governo-Bolsonaro_revisado_02-set-2020-1.pdf). Acesso em 08 jul. 2022.

práticas educomunicativas se destacaram como inéditas neste espaço de formação.

## **COSTURANDO DIÁLOGOS: DISCUSSÃO CONCEITUAL SOBRE OS ALICERCES DA INVESTIGAÇÃO**

Moreira (2000) defende que a aprendizagem significativa é a soma do repertório do que o estudante já traz com os novos conhecimentos a serem mediados pela figura do professor. Sob esta perspectiva, afirmamos que o estudo somente pelo material apostilado não possibilitou ao estudante uma aprendizagem com significado, o qual fizesse parte do seu processo de busca por conhecimento. A mediação do docente, somada às interações na escola, contribui para que o leque de aprendizagem possa ser ampliado na vida de quem estuda.

Apesar de estar em um espaço virtual, a mediação do professor nas aulas online ainda mostra significado no sentido de caminhar e ensinar junto com a turma e, ao mesmo tempo, aprender no percurso dos encontros.

Um professor de profissão não seja somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por agentes sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta (TARDIF, 2004, p.230).

Ainda sobre o importante papel das relações na educação, sobre a mediação que o professor exerce com a sala de aula, a partir das interações o diálogo ocorre e pode-se observar como a turma está, a sua ação sobre determinado tema abordado durante a aula. Freire (2015) nos lembra que o educador ensina e aprende ao mesmo tempo em que o educando aprende e também ensina, uma vez que todos somos seres inconclusos, em constante aprendizagem.

No que se refere à criação de ambiente para as práticas educativas, Matarezzi (2005) afirma que, apesar da escola oferecer estrutura educativa, é a intencionalidade de se trabalhar de forma educadora que possibilita trazer a temática ambiental para a realidade dos educandos. Esta intencionalidade de se

criar o ambiente de formação depende da atuação dos agentes educativos, pensando em uma realidade de trocas de saberes em espaços físicos. No entanto, com a suspensão das atividades nas escolas de forma presencial, criar este ambiente educativo para as práticas de Educação Ambiental dentro da virtualidade das relações pela internet se mostrou um desafio pedagógico.

Nesse sentido, Soares (2011) destaca que a educomunicação é a busca do diálogo entre a educação e a comunicação e se apresenta como um excelente caminho para a renovação das práticas sociais. Pensando assim, a pesquisa apresentou-se para os estudantes do Ensino Fundamental com o intuito de mobilizar a prática educomunicativa, aliando com a temática do meio ambiente, para que a possibilidade das transformações sociais tornasse possível, que pudesse fazer parte da realidade de quem participa.

Retomemos o questionamento que deu início a este artigo: Como trabalhar mudanças climáticas com crianças e adolescentes do Ensino Fundamental durante a pandemia do coronavírus? A pesquisa encontrou na educação aliada à comunicação o melhor caminho para se trilhar com os estudantes em uma perspectiva de construção de saberes, não de imposição de ideias, conceitos e definições sobre o meio ambiente e a Educação Ambiental. A perspectiva Freiriana perpassou a ação pesquisadora, tendo em vista que educar não é depositar conteúdos como dita a “educação bancária” (FREIRE, 2019).

Sobre estas trocas de ideias e exposição de diversos posicionamentos a respeito das diversidades temáticas aliadas aos meios de comunicação e as tecnologias, Gómez (2014) fala de “condição comunicacional”. O autor observa que esta condição se caracteriza pela mudança de postura diante das informações e produções de conteúdo. Agora, a passividade não faz parte da realidade dos consumidores de informações e dos produtos midiáticos, cada pessoa pode produzir informações e compartilhá-las com um aparelho que cabe na palma da mão, como os smartphones. Esta condição deixa de ser amorfa e assume o protagonismo no universo das informações e permite combater a

pasteurização cultural que a Indústria Cultural, citada por Adorno (2009), que visa a alienação da sociedade.

Para realizar a ação educacional, partimos dos preceitos da Educação Ambiental Crítica descrita por Sauv  (2005, p. 30): “esta postura crítica, com um componente necessariamente político, aponta para a transforma o de realidades. Não se trata de uma crítica estéril”. A autora afirma também que, durante todo o percurso de pesquisa, ocorre a autoavalia o e os questionamentos dos conceitos pr -concebidos das correntes dominantes.

## **PERCORRENDO CAMINHOS: OS PARÂMETROS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Ao delimitar a pesquisa no campo da educa o socioambiental, outro recorte se faz necessário para o caminhar na pesquisa: qual método definir para percorrer este caminho investigativo.

Minayo (1993, p. 25), ao referir-se   pesquisa, observa que “diferente da arte e da poesia que se concebem na inspira o, a pesquisa   um labor artesanal, que não prescinde da criatividade [...]”. Esta afirma o diz respeito ao processo da pesquisa com seus conceitos, métodos e linguagem, com etapas que seguem sua própria ritualidade, o caminhar pela metodologia.

Ao falar de método, Gil (2008, p. 8) também traz a palavra “caminho” para definir como fazer pesquisa e acrescenta “método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

A fim de atender aos objetivos propostos para este estudo, a metodologia adotada consiste na natureza qualitativa, com base em Gil (2008). Em específico, para a realiza o desta pesquisa qualitativa, o estudo de caso foi a melhor alternativa para atendermos às indaga es e aos objetivos da investiga o. O procedimento nos embasou para organizar as a es pesquisadoras, pensar nos procedimentos de coleta de informa o, elaborar questionamentos e triangular os dados. A triangula o   o “fundamento lógico para se utilizar várias fontes de evidências” (YIN, 2001, p. 120).

Agora, neste ecossistema comunicativo e nesta condi o comunicacional, a pesquisa propôs a um grupo de estudantes do 5  ano ao 9  ano do Ensino

Fundamental dialogar sobre o meio ambiente e o colapso climático em uma oficina educacional de foto e vídeo.

A pesquisa teve como desafio a realização da formação de modo não presencial, via aplicativo de conversação virtual - Google Meet e WhatsApp -, e conseguir reunir estudantes que tinham como realidade a dificuldade de acesso à internet ou de possuir um aparelho de celular para a participação das interações proporcionadas pela oficina.

## **UMA CIRANDA EM 2D: A EDUCOMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE PEDAGOGIA MEDIADA**

As produções de conteúdo foram motivadas com a proposta apresentada no primeiro dia do encontro virtual, ocorrida em março de 2021, via aplicativo Meet, com a pergunta: “O que você vê da janela da sua casa sobre o meio ambiente?”. Com base neste questionamento, crianças e adolescentes foram motivadas a fotografar e/ou filmar o que elas entendiam ser meio ambiente através da janela.

Esta proposta de trabalhar a percepção de meio ambiente com o olhar de onde cada participante vive objetivou incentivar as práticas de fotografar e filmar sem ter que sair das suas residências, uma vez que a pandemia da covid-19 ainda colocava em risco a vida das pessoas. A partir desta visão da janela de casa, as partilhas aconteceram no segundo dia de encontro.

Muitas percepções apresentadas pelas crianças e adolescentes foram reflexos do ensinamento da educação formal trazidos pelos livros didáticos e pelas aulas expositivas dos professores. A proposta da oficina foi justamente convidar os participantes a olhar o meio ambiente para além do que o ensino tradicional apresenta, superar o vício de decorar conceitos e passar a vivenciar as definições, a relacioná-las com a realidade.

Grande parte dos arranjos comunicativos produzidos pelos inscritos no processo formativo, com idade entre 8 e 13 anos, foi a fotografia. Mais de 80% dos arquivos enviados pelos estudantes via aplicativo de conversa Whatsapp foram fotos. O grande interesse pela fotografia se justifica pelo fato de ser mais acessível a produção de fotos via aparelho celular com câmera e o arquivo de

imagem ocupar menos espaço no armazenamento do telefone móvel, se comparado aos vídeos.

Entre as produções de imagem, os destaques foram as plantas e as árvores que compõem o quintal dosicineiros. As fotos eram de flores em vasos localizados na parte da frente das casas, plantas no jardim, grama no quintal ou mesmo árvores das casas vizinhas. Foram realizadas fotos com imagem de pássaros, grama, céu azulado, frutos, demonstrando uma predominância do ambiente como “meio natural” apenas de acordo com as percepções de ambiente descritas por Sauv  (2005). Aqui também podemos refletir que o conhecimento disciplinar, fragmentado e impositivo de áreas de conhecimento que não se dialogam na educa o escolar talvez explique o predomínio desta percep o, na qual a natureza está dissociada da dimensão cultural e/ou humana.

**Figura 1:** Foto do quintal da residência



Fonte: Participante do 7<sup>o</sup> ano

As fotos e os vídeos foram apresentados durante o segundo encontro virtual (dia 11 de março de 2021), e   medida que as imagens eram mostradas, os autores se manifestavam dizendo o motivo de terem escolhido o elemento da natureza. Entre as falas estava que o meio ambiente faz parte da vida das

pessoas e as plantas são a representação deste meio ambiente, que integra o imaginário estudantil.

“Minha foto representa o verde do meio ambiente, o ar puro e a alegria. Se a natureza está alegre, nós também estamos”, afirmou um dos participantes, que expôs uma foto do quintal de casa com muitas plantas, flores e árvores.

Outro participante apresentou sua imagem com um quintal gramado com uma grande árvore e flores em volta. “Esta foto tem alguns elementos da natureza como as árvores, a grama, o céu. Eu escolhi tirar esta foto porque eu acho que é a foto certa para o tema ‘Meio Ambiente’, e o céu estava muito bonito”. Já nesta figura e explicação, o ambiente se expande de algo apenas como paisagem natural e passa a ser identificado como “lugar para se viver” dentro das diversas correntes apresentadas por Sauv  (2005).

**Figura 2:** Quintal da residência



Fonte: Estudante do 6<sup>o</sup> ano

Outra percepção apresentada foi que o meio ambiente nos oferece benefícios, como as árvores para purificar o ar, concede-nos frutas e sombra e abrigam os pássaros, que cantam no quintal. Esta visão do meio ambiente como recurso natural disponível para os seres humanos se enquadra na defini o da corrente conservacionista/recursista, apresentada na cartografia das correntes

de Educação Ambiental, de Sauv  (2005). A autora afirma que esta corrente enxerga a natureza como recurso, ou melhor, para o consumo e bem-estar das pessoas, para servir às necessidades dos seres humanos.

Foram poucas as falas dos participantes que traziam o discurso de que o meio ambiente   composto por cada um que ali participava do encontro. Ao referir-se   temática, a fala mais frequente   que o meio ambiente   o que está do lado de fora, sendo as pessoas vistas como dissociadas deste meio.

Esta percep o de que o meio ambiente diz respeito a outros elementos e não se inserem as pessoas, nos remete   reflexão apontada por S  (2005, p. 53), ao afirmar:

Os humanos somos pertencentes ao mundo físico, parentes de todos os seres vivos, mas ao mesmo tempo distanciados e estranhos a eles; somos profundamente enraizados em nossos universos culturais que ao mesmo tempo nos abrem e nos fecham as portas de outros possíveis conhecimentos.

Sorrentino (2005) afirma que a Educa o Ambiental nos remete   questão da sustentabilidade da vida e pode estar se referindo a ela em toda a sua diversidade e dimensões – biológica, química, física, cultural, espiritual, organizacional, dentre outras, ou a aspectos específicos delas.   nesta  tica da multiplicidade, das interpela es que a temática ambiental foi apresentada pelos pesquisadores para os participantes da oficina, como contraponto   ideia de que o meio ambiente se resume ao que   verde, resume-se às flores e nos produz benefícios.

Lembra-nos Sato (2016, p. 18) que “a natureza não   para ser compreendida como algo presente   vida funcional ou utilitária, nem como um recurso ilimitado”. A autora argumenta que   preciso obter uma compreensão mais abrangente da natureza, uma “outra essência”, razão pela qual a crise pela qual passamos   também espiritual (SATO, 2016).

H  que se pontuar que as dinâmicas propostas ocorreram com base no paradigma educacional de constru o e desconstru o de conceitos pré-estabelecidos. Trajber (2005) destaca a educomunica o como forma de enfrentar o desafio da constru o de uma sociedade educada ambientalmente para a sustentabilidade promovendo mudanças na vida das pessoas.

Entre as fotos apresentadas estava uma planta localizada no quintal da casa da estudante que fotografou. Ao ser questionada sobre o motivo de ter escolhido aquele cenário, a adolescente do 6º ano afirmou: “Eu escolhi esta foto porque esse coqueiro está em casa faz anos e eu acho ele bonito, eu acho que ele tem a ver com a natureza”.

Mártin-Barbero (2014, p. 18) observa que “é só lutando contra a sua própria inércia que a linguagem pode se constituir em palavra de um sujeito, isto é, fazer-se pergunta que instaura o espaço da comunicação”. Tendo em vista esta afirmação, problematizamos o conceito de meio ambiente apresentado pelos estudantes durante a oficina online. Questionamos: Mas, afinal, meio ambiente é o que está lá fora? É somente o que é verde e florido?

A partir das indagações no decorrer da oficina, os participantes contribuíram com reflexões sobre onde estamos nesta conversa de meio ambiente, que somos parte e fazemos a diferença, de acordo com a nossa atuação. Importante se fez problematizar a percepção de meio ambiente para atuarmos no campo da emergência climática durante o diálogo comum grupo de crianças e adolescentes.

Entre as motivações para realizar o debate sobre o tema estiveram a apresentação de duas fotografias expostas por pesquisadores que acompanharam a oficina de foto e vídeo na Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença. Para contrastar com as fotografias e vídeos dos estudantes com plantas e flores, os pesquisadores apresentaram fotos tiradas da janela de suas residências, que, no caso, eram apartamentos. As fotos traziam elementos como carros estacionados, poucos espaços verdes, muitos concretos, prédios e a grade das janelas do apartamento.

**Figura 3:** Vista do apartamento



Fonte: Thiago Cury Luiz

Com base nestas fotos, os estudantes foram questionados sobre o que as imagens têm a ver com o meio ambiente, se aquele cenário de prédios e concretos sempre foi daquele jeito, cheio de paredes construídas. Durante o encontro, pontuaram-se falas de participantes que observaram que antes de construir os prédios, existiam árvores naquele espaço, diversas plantas e, à medida que a ação humana foi atuando, os prédios foram ganhando espaço, mas, ainda assim, aqueles locais fotografados ainda eram o meio ambiente. Neste caso, é possível afirmar que a crise climática em curso tem no ser humano a sua principal motivação, na medida em que explora e modifica a natureza, sendo, portanto, parte dela, ainda que em perspectiva negativa.

Trabalhamos a educomunicação para reunir crianças e adolescentes, mas definimos o viés socioambiental justamente por nos possibilitar a realização de conversas sob a perspectiva da realidade vivenciada por cada um/uma. Vasconcelos (2019) observa que a educomunicação socioambiental pode ser entendida como ações conjuntas, cuja base é o dialogismo, e congrega ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos.

O encontro virtual possibilitou aos que participaram da reunião verificar que o colapso climático faz parte da realidade, e uma das percepções apontadas após debatermos sobre as fotos com prédios e concretos foi de que os espaços naturais não eram tomados pelas construções em tempos anteriores. Um dos estudantes chegou a afirmar que, no bairro onde mora, antigamente tinham muitas áreas verdes e hoje está tomado por casas. Outro adolescente observou que hoje a qualidade do ar está mais prejudicada, com tantos carros circulando nas ruas e pelas fábricas que liberam gases.

O momento de partilhas durante a oficina mostrou aos estudantes que a comunicação do colapso climático também poderia partir das próprias iniciativas, que cada um pode fazer esta intervenção. As fotos apresentadas durante o encontro virtual foram postadas nas redes sociais da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença (Facebook e Instagram), com o consentimento dos autores das imagens. O debate sobre o olhar da janela da casa superou o tempo delimitado pela oficina e ganhou novas dimensões pelas redes sociais.

A Educomunicação Ambiental ou Socioambiental é uma expressão nova que vem ganhando espaço no campo da Educação Ambiental, nos últimos anos. Refere-se ao conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo. A indissociabilidade entre questões sociais e ambientais no fazer-pensar dos atos educativos e comunicativos é ressaltada pelo termo socioambiental. A dimensão pedagógica, nesse caso em particular, tem foco no “como” se gera os saberes e “o que” se aprende na produção cultural, na interação social e com a natureza (BRASIL, 2008).

Para além da oficina, os pesquisadores construíram outra proposta junto com os estudantes: a realização de uma exposição das fotos compartilhadas no encontro pela internet. A ideia inicial foi realizar a revelação das fotos e montar um varal com as frases de cada participante sobre o meio ambiente e o clima. No momento em que os pais ou responsáveis fossem buscar o material impresso, teriam a oportunidade de conferir as fotos da oficina. Após a aprovação de todos os autores das fotografias, os pesquisadores organizaram a exposição.

**Figura 4:** Exposição realizada em abril de 2021



Fonte: Marcela Brito

Ao se enxergarem como autores das fotografias expostas no espaço escolar, os estudantes puderam se identificar como comunicadores da realidade na qual estão inseridos. Ter seus nomes citados em cada fotografia apresentada para toda comunidade possibilitou a valorização das suas ações comunicativas e realizou a exposição de problemas relacionados ao clima e à intervenção humana na natureza.

Soares (2011, p. 8) observa que, “na verdade, a educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas”. O autor também enfatiza que essa educação deve fazer sentido para o jovem, fazer parte do mundo que o cerca, e que o entenda sendo a escuta um caminho para esta realidade de partilhas. Poder construir coletivamente a oficina que somou mais um passo com a exposição das fotos foi este momento de escuta, sendo as fotografias sobre o meio ambiente as vozes materializadas em imagens.

Houve relato de mães que disseram aprender junto com os filhos nos momentos da oficina, que, além dos estudantes participarem, elas também se sentiram participantes por estarem juntos. Muitosicineiros só puderam participar da formação pelo fato dos pais emprestarem o aparelho celular para a

utilização. Este emprestar o aparelho para os filhos possibilitou também a incursão dos adultos neste ecossistema comunicativo.

Sayad (2014, p. 9) observa que “os trabalhos em educomunicação têm hoje um papel fundamental em canalizar essas habilidades já evidentes para a produção de mídia de qualidade, marcada pela criatividade, motivação, contextualização”. A experiência de apresentar a educomunicação para a comunidade escolar Manoel Cavalcanti Proença motivou os participantes da oficina a solicitar novas formas de dar aula aos seus professores, reivindicar mais interação nos encontros virtuais, por se sentirem capazes de produzir o próprio conteúdo.

Convergindo com essa concepção, Freire (2020, p. 89) afirma que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Ao participarem das oficinas, apresentarem suas percepções sobre o meio ambiente, ao inserirem pessoas que estão juntas nesta experiência educacional, os estudantes vivenciaram o saber experimentado, compartilhado com os demais envolvidos.

Sobre a Educação Ambiental, abordar a temática nas escolas já era visto de forma restrita a algumas disciplinas. A interdisciplinaridade era, muitas vezes, ignorada pelos docentes que julgavam não caber em certas áreas do conhecimento o debate sobre as mudanças climáticas, por exemplo. Carvalho (2005) observa que trabalhar a Educação Ambiental nas escolas enfrenta inúmeros desafios e existe o risco de ninguém tratar do tema por achar que o outro fará. Este deixar que o outro faça acaba sendo o não fazer por ninguém.

A oficina educacional explicitou que, independente da área de conhecimento, o meio ambiente, bem como o colapso do clima, pode fazer parte da realidade escolar dos estudantes e integrar ações entre turmas, disciplinas e docentes.

O debate sobre o meio ambiente, a mobilização que ocorreu entre os pesquisadores e os participantes da oficina não se limitou somente à comunidade escolar localizada no bairro Tijucal: ganhou maior repercussão por

ter sido destaque no site institucional da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT), que publicou a ação realizada na escola com a participação protagônica dos estudantes neste momento de pandemia e isolamento social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Martin-Barbero (2014) observa que a educação encontra muitos desafios, seja em função da manutenção dos modelos tradicionais de ensino centrado no professor enquanto o possuidor do conhecimento, seja pelas tecnologias da informação que fazem parte das vidas dos estudantes. Segundo o autor, o diálogo cultural deve fazer parte do processo de ensino/aprendizagem tendo em vista a formação de cidadão que detenha a capacidade de pensar por si, de formar suas próprias opiniões e participar ativamente na sociedade, o que contribui para que esta seja mais justa e democrática.

O objetivo da pesquisa de comunicar a crise climática e dialogar com os estudantes da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença (Cuiabá-MT) por meio de rodas de conversas, oficinas educacionais com interações presenciais e com trocas de afetos e impressões não foi atingido. A pesquisa não conseguiu chegar à grande parte dos estudantes da escola, atendeu somente a um grupo que se dispôs a participar da oficina educacional virtualmente.

Outra linha que a pesquisa não conseguiu alcançar foi tratar da justiça climática. Pensou-se, lá no início da formulação deste projeto, que até 2021 a pandemia seria superada e a volta das aulas presenciais ocorreria. Pensamos em encontros presenciais em rodas Freirianas de diálogos, com dinâmicas e partilha de conhecimentos pessoalmente no espaço físico.

Contudo, foi possível, ainda que envolvendo uma fração mais limitada da comunidade discente e docente, desenvolver uma proposta educacional capaz de convergir pessoas que estão em busca de espaços comunicativos, de diálogos, permitindo que a escola viabilize a ciranda do conhecimento, mesmo em contexto mais hostil e excludente.

Foram produzidos 33 arranjos comunicativos tendo o meio ambiente como tema motivador das fotos e vídeos gravados. Destes, sete foram imagens capturadas através de vídeo e 26 por fotografias. Cincoicineiros fizeram foto e vídeo, nove apenas fotografia e uma criança mandou apenas vídeo. Observou-se que dos 19 inscritos, participaram do encontro nove crianças e adolescentes. Alguns justificaram que não poderiam participar por não terem internet ou pelo fato do aparelho celular dos pais não estar à disposição no horário. Esta constatação reforçou a preocupação dos pesquisadores quanto ao acesso à internet dos estudantes da escola.

Tratar o meio ambiente e o clima e ouvir o ponto de vista de crianças e adolescentes de uma escola da periferia de Cuiabá, capital de Mato Grosso, pode ser avaliada de forma positiva, tendo em vista tantos movimentos contrários à educação como forma de libertação, de um espaço democrático e formador de cidadão críticos.

Sobre a importância da criticidade no processo formativo de cada pessoa, Freire (1999, p. 52) nos convida à seguinte reflexão: “Por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo o qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação (...)”.

Tendo como horizonte a mobilização das crianças e adolescentes de uma escola da periferia de Cuiabá-MT para o debate sobre a crise climática, sobre o meio ambiente e a realidade vivida, esta pesquisa assumiu a postura crítica de debater o meio ambiente, por mais que a pandemia tenha reduzido as ações pensadas a princípio. Propõe-se que a educomunicação socioambiental possa estar mais presente na rotina das escolas, uma vez que a pesquisa demonstrou que a infância e a juventude estão interessadas em participar de iniciativas que propiciem uma postura mais ativa e motivem a partilha dos pontos de vista.

O poeta mato-grossense Manoel de Barros (1997, p. 70), em seus versos adverte: “Do lugar onde estou já fui embora”. Esta pesquisa não findou por aqui: já busca novos caminhos para comunicar e partilhar a Educação Ambiental e reforçar a luta por justiça climática, sobretudo nos espaços periféricos,

marginalizados. Paulo Freire (1997, p. 5) defende o esperar como forma de resistência, de luta. O esperar do educador nos mobiliza à ação. “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico”.

## REFERÊNCIAS

ASCAM - Associação Nacional dos Servidores de Meio Ambiente. **Cronologia de um desastre anunciado:** ações do Governo Bolsonaro para desmontar as políticas de Meio Ambiente no Brasil. Brasília - DF – 2020. Disponível em: <[http://www.ascemanacional.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Dossie\\_Meio-Ambiente\\_Governo-Bolsonaro\\_revisado\\_02-set-2020-1.pdf](http://www.ascemanacional.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Dossie_Meio-Ambiente_Governo-Bolsonaro_revisado_02-set-2020-1.pdf)>. Acesso em: 8 jul. 2022.

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é Justiça Ambiental?** Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009.

ADORNO, Theodor W. **Industria Cultural e Sociedade.** 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. (Coleção Leitura)

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada.** 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação.** Organização: Francisco de Assis Morais da Costa. Brasília: MMA, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, Michèle Sato; CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental: pesquisas e desafios.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Um encontro com a Pedagogia do Oprimido. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 23 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 69 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 51 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 22 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Modos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção educomunicação)

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradutoras: Maria Immacolada Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MATAREZZI, José. **Estruturas e Espaços Educadores**. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (Org.). **Encontros e Caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, Técnica e Arte: o Desafio da Pesquisa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel Coronavírus**, 2022. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 9 jul. 2022.

MOREIRA, Marcos Antonio. **Aprendizagem significativa crítica**. Conferência proferida no III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa. Peniche, Portugal, 11 a 15 de setembro, 2000. (Publicação nas Atas do Encontro)

ROSA, Antonio Vitor; SORRENTINO, Marcos; RAYMUNDO, Maria Henriqueta Andrade. **Dossiê sobre o desmonte das Políticas Públicas de Educação Ambiental na gestão do Governo Federal: 2019-2022** / Organizado por Antonio Vitor Rosa, Marcos Sorrentino, Maria Henriqueta Andrade Raymundo. – Brasília: EAResiste, 2022. (PDF) 32p. :il.

SÁ, Lais Mourão. **Pertencimento**. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (Org.). **Encontros e Caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2005.

SATO, Michèle. **Ecofenomenologia: uma janela ao mundo**. Remea, Ed. Especial, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5957/3680>>. Acesso em 9 jul. 2022.

SAUVÉ, Lucie. **Uma cartografia das correntes em educação ambiental**. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel. Educação ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAYAD, Alexandre Le Voci. **Por uma educação que entenda o jovem: a contribuição da Educomunicação**. Prefácio. In: SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediação**. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. (Org) Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Educomunicação)

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

SORRENTINO, Marcos. Prefácio. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel. Educação ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TRAJBER, Rachel. **Educomunicação para coletivos educadores**. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (Org.). Encontros e Caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005.

VASCONCELOS, Samires. **Guia Prático em Educomunicação Socioambiental**. 2019. Disponível em: <<https://abpeducom.org.br/wp-content/uploads/2020/05/GUIA-PR%C3%81TICO-EM-EDUCOMUNICA%C3%87%C3%83O-SOCIOAMBIENTAL.pdf>> . Acesso em: 9 jul. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic**, 2022. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>>. Acesso em 9 jul. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.